

A BUSCA DO NEGRO PELA LIBERDADE E O SURGIMENTO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO CAPITALISTA NO SERTÃO BAIANO, 1871-1910¹

Alexandra Vieira de Carvalho Santana²

A nossa contemporaneidade representa um marco na historiografia brasileira, pois os diversos grupos marginalizados (mulher, negro, homossexuais...) desta sociedade passaram a ser entendidos e analisados por alguns pesquisadores enquanto agentes formadores da própria história, os quais compõem direta e indiretamente a história da humanidade. Em meio a essas **categorias de análises** encontramos o negro cativo, responsável pela construção, política, social, econômica e até mesmo cultural de um povo.

A escravidão no Brasil foi muito analisada na perspectiva do negro enquanto um ser passivo, visto como alguém que recebe obedientemente as ordens do seu senhor, sem nenhuma reação contrária. O negro escravizado, assim como o seu senhor, roubou, furtou e armou estratégias de negociação, em vista da melhoria e da transformação de sua realidade. Essas ações dos negros, muito discutidas por Chalhoub e João Reis, acentuaram-se na proporção em que os ideais republicanos foram se expandindo entre os brancos, mestiços e negros, mas, principalmente, no momento em que esses homens e mulheres negros decidiram se organizar por meio dos quilombos ou mesmo por desejos e utopias semelhantes, as quais tinham como objetivo principal, a liberdade – seja ela através da força ou da negociação com seus senhores. Mas poucos pesquisadores se questionam sobre como ficou a mentalidade, o sustento e as relações familiares do negro, momentos antes e, principalmente, após a abolição.

Muitos só sabiam trabalhar na agricultura, nas atividades domésticas das fazendas, no plantio e na colheita do algodão ou mesmo na criação de gado, como aconteceu em Feira de Santana – sem nenhuma especialização ou conhecimento (mesmo que primário) do trabalho fabril que estava sendo instituído em 1910 – quando as indústrias estavam se infiltrando paulatinamente no sertão baiano, marcadamente com a construção de estradas de ferro.

Hebe Maria Mattos (1998) analisa o fim da escravidão no Brasil, evidenciando o significado da liberdade na perspectiva do negro escravizado e recém-liberto. Essa autora faz um bom uso das fontes das quais trabalham tanto a diversidade quanto a relação dessas mesmas fontes, no intuito de desvendar a postura do negro frente à uma sociedade que, a todo o momento, desvalorizava sua identidade e, ao mesmo tempo, suga toda a sua força de trabalho.

Essa pesquisadora elucida aspectos como: a multiplicidade das relações de trabalho; as “bases político e culturais da ideologia de branqueamento; e também a da centralidade de um debate sobre direitos civis que mal se anunciava em profundidade, iria conjugar-se com a demanda de direitos políticos sociais desencadeados pela república”. (MATTOS, 1998, p. 14).

Neste trabalho a relação familiar é abordada com uma visão de mundo diferente da linha de Gilberto Freyre, que busca entender o negro a partir da família patriarcal. Hebe Mattos percebe a relação dos escravos a partir deles mesmos e os apresenta como capazes de produzirem suas próprias culturas familiares, sem se construírem a partir da cultura da Casa Grande. Isso ocorre por intermédio da cautelosa análise da autora sobre as fontes, extraíndo o número de filhos, idade, casamentos e inventários. As idéias de Hebe serão fundamentais para a construção deste trabalho, pois ela pesquisa o cotidiano do negro numa sociedade em que o branco é visto como superior a qualquer outra raça, mas, mesmo com esse fator étnico de impedimento do negro na reformulação do País, esse grupo excluído consegue, com muita luta, adquirir a sua liberdade e, com muita dificuldade, se inserir nas relações sociais, mesmo com restrições e preconceitos.

¹ Projeto de Pesquisa (Disciplina Métodos e Técnicas da Pesquisa em História), sob a orientação do Professor Onildo Reis David.

² Acadêmica do Curso de História da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Na mesma perspectiva de Hebe Maria Mattos, que trabalha o significado da liberdade, Sidney Chalhoub busca entender as ações dos escravos que, de várias formas, possibilitaram as visões da liberdade, seja por agressões aos seus senhores – anteriormente planejadas como fez Bonifácio; por negociações, na tentativa de adquirir roupas alimentação e dormida, ou, mesmo, com a fuga determinada rumo a seus quilombos, como aconteceu em Feira de Santana, no bairro da Matinha, que foi formado essencialmente por ex-escravos fugitivos, situando-se próximo à fazenda Candeal.

Em muitos desses quilombos que existiram no Brasil os negros formaram famílias, produziram seus próprios alimentos, formaram organizações próprias e, principalmente, saíram do domínio de seus senhores – que maltratavam tanto seu corpo, com o excesso de trabalho e castigos, como sua mente, quando a todo o momento bradava a sua inferioridade frente aos brancos. Essa resistência dos escravos aos trabalhos forçados, entre outras situações, intensificou-se em 1850, quando já estava próxima a Abolição, e tais aspectos são bem identificados pelo autor, que se utiliza de fontes criminais e de cartas de alforria.

Poppino (1968), em seu livro *Feira de Santana (1860-1950)*, realiza uma análise geral sobre esta cidade, buscando entender o seu desenvolvimento político, econômico, social e cultural. Ao fazer referência à população feirense, Poppino, sob um olhar europeu, é levado a trabalhar a questão racial, acentuando a notável diferença entre a relação social dos brasileiros frente aos escravos, de total apaziguamento, e a relação dos colonizadores europeus frente a seus escravos, muito mais dissociada, afirmando que “os negros se incluem na ordem social e econômica inferior e que brancos predominam na classe superior”. Mulatos encontram-se em todos os comandos econômicos e sociais do município.(POPPINO, 1968, p. 16).

Esse autor também nos apresenta a questão da criação de gado, atividade preeminente em Feira de Santana, que foi a principal responsável pelo crescimento econômico da região. A venda desse produto era bem freqüente nas feiras; contudo, o autor não discute a presença do escravo no cuidado com o gado, mesmo ao sabermos que essa produção demandava de modo pouco significativo, o trabalho de escravos, importando-se, apenas, com a perspectiva do homem branco e de seu lucro.

Os estudos que apresentamos anteriormente com referência aos negros contribuiu muito para o nosso entendimento sobre a região sertaneja, sua formação e desenvolvimento, mas muitos desses trabalhos se detêm no estudo do econômico, político e social. São raros os estudos centrados na passagem da mão-de-obra negra de escrava para livre, nem se apresenta a mentalidade, o cotidiano ou, mesmo, a inserção desse homem negro no meio social, negado a ele pela população, anteriormente, em especial no sertão baiano, onde se deterão as discussões deste trabalho.

Este estudo também buscará entender o negro em seus vários meios de inserção na sociedade, incluindo-se a formação familiar, que deixa de ser cultivada nas senzalas para ser formada em quilombos onde muitos deles se identificaram, a exemplo do bairro da Matinha – formado por um quilombo próximo à Fazenda Candeal e que, após a abolição, passou a ser habitado por negros. Atualmente este local ainda tem a predominância de negros.

O período de 1871 a 1910 foi escolhido devido às grandes transformações ocorridas, não só nesta cidade eleita, como também em todo o País. Em 1871 é decretada a *Lei do Ventre Livre*, quando as cartas de alforrias são cada vez mais numerosas, quando os escravos de ganho tomam mais fôlego e quando os escravos, em geral, organizam-se de fato, no intuito de alcançar a tão sonhada liberdade. Já em meados de 1910 os ideais republicanos passam a ser verdadeiramente esclarecidos e acatados legalmente e, neste mesmo ano, surgem as primeiras estradas que dão acesso a Feira de Santana, como consta no jornal *Folha do Norte*, de 1910, o que nos permite refletir em como se amplia a abertura dos caminhos para o surgimento de indústrias de fácil acesso para a passagem do gado, além do maior movimento comercial.

O objetivo central desta análise é perceber o processo de mudança da mão-de-obra escrava para a livre, destacando a dificuldade do negro em se ajustar ao mercado de trabalho. Por isso, muitos tiveram que continuar nos trabalhos forçados de roças, criação de gado, entre outras

atividades mais exploradoras. Os primeiros indícios da liberdade foram percebidos por vários aspectos anteriormente mencionados (concessão de alforrias, fuga e compra da própria liberdade).

Para analisar o primeiro aspecto, em que os negros poderiam adquirir a liberdade, puderam-se realizar estudos nas Cartas de Alforria encontradas no arquivo da *Casa do Sertão*, em Feira de Santana. Esse tipo de documentação foi emitido em grande quantidade anos antes da escravidão, devido às várias transformações ocorridas no âmbito daquela sociedade em 1871. Evidenciou-se, também, nos jornais, esse caráter de liberdade, no momento em que os senhores buscam afirmar ao público a sua bondade através do anúncio de libertação dos seus escravos que, em geral, acontecia próxima ao Natal. Numa delas consta: “Atendendo aos bons serviços que lhe tem prestado o escravo africano de nome Rogério, concede-lhe carta de liberdade, em homenagem ao Natal de Jesus Cristo e Cap. Antônio Evaristo Bacelar”. (FOLHA DO NORTE. 24/12/1874).

A fuga de escravos pode ser analisada por meio de documentos criminais; muitos desses documentos estão presentes em Cachoeira, no *Arquivo Municipal*, e ainda existem outros que estão passando por um processo de arrumação no *Fórum Filinto Bastos*, situado na cidade de Feira de Santana. O contato com esse tipo de fonte demanda maior quantidade de tempo, portanto, dialoga-se com elas no decorrer da pesquisa. O jornal nos auxiliará a explorar o pensar da população no período anterior e posterior à abolição, sem perder de vista o posicionamento político dos próprios jornais da época, bem como um debate apoiado pelos jornais, entre os conservadores, como o *Diário da Bahia*, e os abolicionistas, a exemplo da *Gazeta da Bahia*, ao menos isso foi percebido numa transcrição feita pelo jornal. (FOLHA DO NORTE. 18/1/1886).

Os testamentos de negros libertos de Feira de Santana (ARQUIVO MUNICIPAL DE CACHOEIRA. 1871-1890) serão analisados no intuito de compreendermos a questão das novas relações desses ex-escravos numa sociedade recém-capitalista, além das características das relações que permitiam a existência da ascensão social, que, por sua vez, dava vazão ao branqueamento. Os dados do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*) serão essenciais para percebermos a quantidade de mulheres e homens, negros e brancos, além da percepção do caráter da sociedade na região sertaneja.

O método de análise escolhido para essa pesquisa baseia-se numa análise da história social. Examina-se também neste projeto as fontes criminais que se encontram no Arquivo de Cachoeira, com o objetivo de identificar os escravos que atentaram contra seus patrões, da maneira mais diversa e ofensiva, como forma de resistência aos maus tratos de seus senhores.

É necessário enfatizar a importância da fonte oral que será utilizada para a compreensão do cotidiano – sentimentos, aflições e outras emoções expressados pela oralidade, que deverá ser observada nos atuais moradores da região da Matinha, que já foi um quilombo e hoje abriga apenas duas famílias brancas, além de parentes de escravos e escravas que podem nos contar um pouco das suas histórias, contos, e principalmente, as peculiaridades, no intuito de dar-se importância ao sentido mais amplo da escravidão que não ocorre só no Centro-Oeste ou no Litoral da Bahia, mas, também, na região sertaneja.

REFERÊNCIA E FONTES

Arquivo Municipal de Cachoeira. Ano 1871-1890.

Folha do Norte. 24/12/1874. UEFS/Casa do Sertão.

Folha do Norte. 18/11/1886. UEFS/Casa do Sertão.

CHALLHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Dominus 1965. VII.

FILHO, Mario José Maestri. **Depoimentos de Escravos Brasileiros**. São Paulo: Ícone, 1988.(Coleção Malungo – Memória).

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**. 31 ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

MARTINS, José de Sousa. **O cativo da Terra**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MATTOS, Hebe Maria. Das cores do Silêncio. In: **Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista – Brasil. Sec. XIX**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. (Coleção História do Brasil).

POPPINO, Rollie. E. **Feira de Santana**. Bahia: Itapoã, 1968. (Coleção Baianada).

SILVA, Eduardo e João José Reis. **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.